

# RelevO

janeiro/2023, n. 5, a.13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



### Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**As ilustrações dessa edição** são de autoria de Maria Lima (@mariadodesenho).

## DOS CUSTOS DA VIDA

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 35 Raquel Naveira; R\$50 Karin Caproni; R\$70 Otaviano Silva; Sebo Pura Poesia; Camila Abrão; Eduardo Pereira; Luiz Claudio Soares de Oliveira; Marcelo Cardoso; João Gabriel Gaspar; Lucas Perito; Natália Azevedo; Michel Souza; Eleazar Carrias; Adriano Lobão Aragão; Victor Corrêa; João Paulo Hersegel; Wesley Ludtke; Ronaldo Lages; Marina Pilato; Mylena Queiroz; Idianara Lira Navarro; Cleber Roberto; Ben-Hur Demeneck; Ricardo Pohl; Severo Brudzinski; Getulio Xavier; Ingrid Rodrigues; Amanda Vital; Júnior Bellé; Jefferson Carlos da Silva; Alice Ribeiro Lopes; Leila Menezes; Sumaya Lima; Hertz Camargo; Plínio Zuni; Júnior Bellé; Richard Roch; Whisner Fraga; Renan Yamasaki; Thiago Veríssimo; Leda Lopes; Marco Stefano; Aline Feldt; Guilherme Brasil; Suzane Lopes; Daniel Martini; Renata Medeiros; Juliane Knopik; Rosana Chispim; Leiner Hoki; Caio Girão; Márcio Berclaz; R\$ 80 Daniel Montoya; R\$ 85 Bianca Madrona; R\$ 100 Marcelo Ribas; Mauri König; R\$ 105 Nilton Resende; Alisson Vicente; Vitor Falcão; R\$ 140 Rômulo Cardoso; Daniel Martini; Lausamar Humberto; André Monegaglia; Leif Grunewald; Bárbara Viacava; Wesley Ferreira; R\$ 150 João Fiorot; R\$200 Victor Cruzeiro.

**TOTAL: R\$ 5.595**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 350 Felipe Harmata; R\$ 200 Whisner Fraga; R\$ 100 André Giusti; William Soares dos Santos; R\$ 70 Leila Flesch; R\$ 30 O Alienígena.

**TOTAL: R\$ 850**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.720  
Escritório: R\$ 310  
Embalador: R\$ 50  
Autores e ilustradores: R\$ 540  
Editor-executivo: R\$ 1.200  
Editor-assistente: R\$ 350  
Mídias sociais: R\$ 350  
Diagramação: R\$ 150  
Infografia: R\$ 60

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 350  
Correios: R\$ 2.000

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 6.445**

(-) Saídas totais: **R\$ 6.455**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 10**

## Janeiro/2023

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Amanda Vital  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 29 de dezembro de 2022.

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Bruno Meirinho  
Celso Martini  
Cezar Tridapalli  
Morgana Rech  
Felipe Harmata  
Katia Brembatti  
Osny Tavares  
Whisner Fraga



instagram.com  
facebook.com  
twitter.com  
medium.com

# /JORNALRELEVO.COM

## CARTAS

### DESCASO GERAL

**Everaldo Ferreira** Por que um escritor é recusado? Porque ele nunca foi considerado, exerce uma função não regulamentada e muitas vezes encontra a solidão e o descaso até mesmo dos seus familiares. É fato: um menino nunca diz “eu quero ser escritor”, mas sim “eu quero ser jogador, cantor, ator”, etc. Por que um escritor é recusado??? Porque as editoras não acreditam nele, e o investimento das editoras é baseado em possibilidades de lucro, e um iniciante é tiro no escuro. Enfim, são muitos os fatores para um escritor ser recusado, quem quer ver um problema, sempre achará um problema, é a lei universal: o que você procura, acha. Então, o que resta ao escritor recusado??? Às vezes, ser criativo, persistente e, acima de tudo, acreditar no seu trabalho, outras vezes investir no próprio trabalho e continuar sua jornada, com fé, esperança e alegria. Um escritor já nasceu recusado, ele precisa convencer sua família, depois a sociedade e ainda as editoras que ele é um escritor e que vale a pena ser ouvido, lido, ou quem sabe até mesmo esquecido. Talvez, ao enviar um texto a este Jornal, eu receba a seguinte frase: “o seu artigo não será usado na nossa edição”, e eu responda “ok, muito obrigado, fica para próxima”. E assim seguimos, durante séculos.

### OPERAÇÃO LEITURA

**Claudia Camargo** Estou muito atrasada nas leituras do **RelevO**, mas é minha meta de final de ano ler ao menos umas 10 edições até que finde 2022 (tenho edições de 2021 ainda sem leitura...). Iniciei aleatoriamente, como gosto, lendo a edição de fevereiro de 2022, e me deleitei. Ácido e irônico, duro e confortável ao mesmo tempo: “Uncanny Tales of Academia do Claudião”; “Rumba”; “Dany Maya Fragonese, a wiccanina”; “Anúncio de jornal” e “Máquina de costura”! Um bom jeito de terminar um ano trágico. A seguir, li a edição de outubro de 2022 e a polaridade representada em “Macarrão e muita coisa”, hilário! Meu UAU vai para Gloria Evangelina Anzaldúa, em tradução de Gabriela Aparecida de Oliveira, e seu “La Muerte, a Rainha da Neve Congelada”: *Quem sou eu? Uma feminista lésbica do Terceiro Mundo com inclinações marxistas e místicas. Eles me cortariam em pequenos fragmentos e marcariam cada peça com uma etiqueta. Você diz que meu nome é ambivalência? Pense em mim como Shiva, um corpo de muitos braços e pernas com um pé no chão marrom, um no branco, um na sociedade heterossexual, um no mundo gay, no mundo dos homens, no mundo das mulheres, um membro no mundo literário, outro na classe trabalhadora, no socialismo e no mundo oculto. Uma espécie de mulher-aranha pendurada por um fino fio de teia. Confusa eu? Ambivalente? Não muito. Apenas seus rótulos me dividem.* Seguimos na leitura... Meta para 2023: leitura do Jornal em dia!

**Taison Fioravante** Pretendo fortalecer o **RelevO**. Super acessível e de excelente qualidade. Peguei a edição de novembro na Biblioteca Pública do Paraná (BPP) e gostei bastante. Fui recentemente assistir ao bate-papo com a Violante Saramago na Biblioteca e lá peguei a edição do Jornal. Depois, uma leitura deliciosa em casa. Aquela ida à BPP resgatou algumas coisas em mim que tinha deixado, como, por exemplo, ler jornal literário. Então, foi bem legal poder retomar isso com o **RelevO** em mãos, não os conhecia. Daí procurei aqui no Instagram a página de vocês. Vi os valores para assinatura. E já já vou assinar porque projetos como o de vocês jamais podem parar.

### NÃO É MUITO O MEU ESTILO

**Tiago Simas** Olá, pessoal. Não conhecia o trabalho de vocês. Parabéns pela luta de manter uma publicação impressa, apesar do Brasil estar como está. Eu dei uma olhada nas edições em PDF e infelizmente a linha editorial não é muito meu estilo. A edição da Copa, por exemplo, achei bem legal vocês fazerem um compilado dos países, mas, para mim, seria mais interessante se fossem pequenas resenhas de livros de autores dos países participantes da Copa para conhecer alguns títulos. Ler trechos assim de maneira meio avulsa não é algo que particularmente me agrade. De qualquer forma, boa sorte e sucesso!

### SIMPLES

**Paulo Ribeiro** Mas qual o motivo de vocês continuarem no impresso? Passem pro virtual e diminuam 90% dos seus problemas.

*Da redação:* Paulo, só pra saber, quais jornais de literatura você lê na edição online? Afora a provocação — é que às vezes desconfiamos que os arautos do fim do impresso apenas querem o meio literário dando menos problema, ali no cantinho, brincando de cubo mágico —, temos uma relação com o impresso igual ao tipo de relação que temos com artefatos que acreditamos necessitar de tangibilidade, textura, materialidade. Existem outros motivos mais, desde aspectos logísticos, como acesso a bibliotecas do interior, até a fuga das redes sociais e da redução de temas complexos a generalidades. Não que a gente resolva essa situação aí. Obrigado pelo seu retorno.

### BRAZILLIANCE

**Daniel Derevecki** Como é prazeroso ler o **RelevO**, um periódico literário que enfrenta, em plena era digital, o desafio de existir em papel e que me traz aquela sensação agradável de folhear. Sou assinante há alguns anos, apenas R\$ 70 por ano, isso mesmo, por ano. Admiro muito o empenho e a competência do seu fundador e editor, o jornalista Daniel Zanella, de quem já fui colega de trabalho. Sobre a edição de dezembro, que chegou hoje ao

meu endereço, recomendo uma reportagem interessante sobre a canção “Choven-do na Roseira”, do nosso Maestro Soberano, Tom Jobim. O texto fala da origem da obra e da gravação célebre na voz de Elis Regina para o lendário LP “Elis e Tom”, gravado em 1974 com arranjos de César Camargo Mariano.

**Selma Rodrigues de Andrade** O Jornal é extraordinário! Parabéns a todos os participantes! Desejo que 2023 venha com boas energias e muita positividade!

**Ana Lúcia Vasconcelos** O **RelevO** é sempre ótimo! Parabéns!

**Leila Maria Flesch** Que alegria ser assinante deste Jornal. De fato, 2022 foi o ano para revermos nossas perspectivas e voltar a plantar a semente da esperança. Em vários aspectos, 2023 virá com nova roupagem... ainda que seja a mesma roupa surrada. Mas estará lavada, passada e a usaremos com um sorriso humano de alívio.

**Damaris Pedro** Foi ótima experiência ler-te.

**Eleazar Carrias** Agradeço por o **RelevO** existir e resistir. Ter participado com um poema na edição de dezembro foi um sonho realizado. Abração, equipe! Feliz 2023!

**Andreia Fernandes** Parabéns a toda equipe do **RelevO**! O Jornal é uma iniciativa fundamental para a literatura contemporânea. Vida longa! Estaremos juntos em 2023!

### CAPA DE DEZEMBRO

**Marisa Abrantes Boroni Valerio** Linda capa! O meu já chegou.

**Márcia Arantes** Lindíssima como sempre.

**Douglas Laurindo** Sempre aquela surpresa boa a capa!

**José Amaral** Fantástica capa.

### NOVA OMBUDSWOMAN

**Ben Hur Demeneck** O **RelevO** é um dos únicos jornais impressos em circulação no Brasil que tem a coragem de manter uma seção fixa de ombudswoman. Atitude editorial que poucos se dão conta do quanto ela representa para a construção de uma imprensa brasileira mais transparente.

**Nuno Rau** Amanda Vital vai fazer uma trajetória da pesada no **RelevO**, como faz em *Mallarmagens* e na Patuá. Parabéns ao Jornal!

**Ricardo Mainieri** Amanda Vital é uma poeta das melhores e com *know-how* para a tarefa.

**Eduardo Lacerda** Amanda Vital é poeta, editora e pessoa imensa, sem igual. Parabéns a ela e ao Jornal!

**Pedro Moreira** Escolha acertadíssima, assim como a anterior. Dois poetas incríveis e que têm experiência no meio editorial.

**Anderson Pimentel** Que demais, assino o **RelevO** e será uma honra ler a Amanda Vital!

**Edson Valente** UAU! ♥ Maravilhosa! Não podia haver escolha melhor.

**Giane Coutinho** Seria o ombudswoman (sempre amei esse termo) o CS [costumer service] de hoje? Ombudswoman, no entanto, é mais poético...

**Yanara Vieira** Não faço ideia do que está acontecendo, mas Amanda Vital é foda, então tem todo o meu apoio e sei que vai crescer cada vez mais na vida.

### SÓ FALTAVAM 4 MINUTOS

**Banca Tatuí** O **RelevO** fez uma edição especial da Copa do Mundo. São 40 páginas com textos de cada um dos 32 participantes da Copa! Temos alguns exemplares aqui para distribuição gratuita na banca e você também pode assinar o Jornal e receber direto na sua casa!

**O Alienígena Espaço Cultural** O **RelevO** é de #outromundo! Criar e manter um periódico de altíssima qualidade literária como vocês fazem é para pouquíssimos. Agradecemos pela parceria e vamos juntos, neste 2023 cheio de esperança, levar literatura às pessoas! Viva a literatura!

## 2023: um tônico e um euforizante

## APOIADORES



A edição de janeiro do **RelevO** chega com duas novidades. A primeira é a apresentação da nova ombudsman – ou ombudswoman. Depois do ciclo do poeta, arquiteto e professor de história da arte Nuno Rau por quase todo o ano de 2022, Amanda Vital é a nova detentora do cargo, um dos mais importantes do nosso Jornal. Ela é a 15ª ocupante do cargo, podendo ficar de 3 a 9 meses na função.

Neste espaço, o ombudsman escreve sobre o **RelevO**, agindo como mediador entre o leitor e o jornal, apontando aspectos positivos ou negativos do veículo, considerando críticas, sugestões e reclamações ou, ainda, trazendo ponderações sobre o conteúdo publicado. Ao lado da *Folha de S.Paulo* e *d'O Povo*, de Fortaleza, somos os únicos jornais do Brasil com o serviço.

A coluna – enviada mensalmente por volta do dia 25 – não pode ser editada pela publicação, cabendo aos revisores apenas o apontamento e a possível correção de erros não intencionais. Amanda Vital é assistente editorial da editora Patuá e co-editora da revista *Mallarmagens*, além de mestra em Edição de Texto e autora do livro *Passagem* (Patuá, 2018).

A atual titular foi uma indicação do ombudsman anterior, que pode sugerir até três nomes para substituí-lo. Acreditamos que o olhar de Amanda Vital, *insider* do meio literário e agente em diversas frentes deste mesmo mercado, possa trazer discussões importantes sobre o Jornal, abrangendo as recepções de leitura e o contexto todo em que estamos inseridos.

A segunda novidade é mais discreta, mas igualmente importante. Reformulamos o nosso Conselho Editorial, adicionando novos nomes. Em 2022, perdemos a bibliotecária Jacqueline Carteri, uma das nossas maiores entusiastas em mais de 12 anos de Jornal. Jacqueline morreu precocemente e deixa um espaço que jamais será preenchido. Atualmente, oito pessoas compõem o grupo, que contempla desde apoiadores muito próximos ao Jornal a ex-ombudsmen que trouxeram colaborações fundamentais ao nosso processo de existir.

Para 2023, ambicionamos reunir presencialmente este Conselho para discutirmos aspectos sempre delicados do **RelevO**, como as relações entre a política editorial e o departamento financeiro, as dinâmicas do Jornal com os autores recusados para publicação e as naturais complicações de ser um veículo impresso de literatura em um país sempre à beira da convulsão (ou de virar um istmo e sair fluando pelo mundo).

De modo geral, desejamos que o novo ano seja um pouco mais... equilibrado. Não procuramos a cura que Comte-Sponville menciona em *A felicidade, desesperadamente*: a pílula da felicidade. “Uma pilulazinha azul, cor-de-rosa ou verde, que bastaria tomar todas as manhãs para se sentir permanentemente (sem nenhum efeito secundário, sem viciar, sem dependência) num estado de completo bem-estar, de completa felicidade”. Apenas queremos continuar com o nosso trabalho, nos divertindo entre a transcendência e a vulgaridade, com menos cambalhotas financeiras para fechar a edição no azul.

Uma boa leitura a todos.



## Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)



## OMBUDSMAN

Amanda Vital

### OMBUDSWOMAN: que reajam os mercados!

Car\_s leitor\_s, é com uma confusão enorme e um cagaço maior ainda que dou início a esse cargo gostoso e *mui* belicoso do **RelevO**, o de ombudsman – no caso, ombudswoman (ou, se preferirem, palpadeira, pitaqueira, enxerida, “a mocinha ali”), por causa de uma pira do Nuno Rau de ter recomendado meu nome aos editores para a sucessão do cargo, que é rotativo. Ainda não sei o que deu na cabeça dele, mas vou tentar dar início a esse novo bom ciclo junto de vocês pelos próximos meses. Aproveito para agradecer imensamente a ele [Nuno] e aos editores deste espaço tão querido por nós, apesar de já ter deixado pagos uns cafês com pastéis de nata aqui no café local, a mais de 7 mil quilômetros de distância deles. E eles estão sabendo só agora. Mas vale o que vale, que esse tipo de coisa a gente não oferece a qualquer um.

Esse início é também muito simbólico politicamente falando: escrevo no primeiro número do Jornal desse ano de Lula, com uma nova e boa era se abrindo e o fogo da esperança aceso novamente, depois de um furacão perto de destruidor, no mínimo. Vivemos um período de alívio depois desses últimos quatro anos complicadíssimos com um fascista da qualidade de Bolsonaro no governo. É uma alegria, depois disso tudo, dizer que nosso presidente é Lula de novo. Mas muito se tem falado sobre o mercado reagir mal a isso, e a galera do neoliberalismo (que super funciona, confia) está alvoroçada com a ameaça do país em reduzir as desigualdades sociais, ter pobre almoçando e jantando de novo, essas frivolidades que ninguém quer saber. Olha, convido esses a rezar para os pneus e ver se o mercado ressuscita na forma de Jesus na goiabeira e abençoa a bolsa de vocês, capitalista como ele era. Por aqui, seguimos relativamente tranquilos. Mancando, porque uma pessoa vai comprar pão e tropeça em cinco pedindo intervenção militar, oito pedindo intervenção federal, três pedindo intervenção alienígena, uma Cássia Kis, dois lendo *fake news* num microfone abafado de acústica horrorosa e tosca... mas mancamos tranquilos.

Relativamente.

E por acaso, em uma segunda boa sorte, me calhou uma edição bastante interessante para dissertar sobre, então vai ser meio difícil ser malvada logo de cara (e o **RelevO** em si deixa a gente numa posição difícil de *shibari*, há sempre aquele traço de qualidade no que é publicado por cá). Começando pela capa excelente, uma espécie de *Abaporu* contemporânea construída com camadas de ícones. Alguns lembram ícones de programas de PC e de celular, por exemplo, de wi-fi, meteorologia... A arte na contracapa faz uma mistura d’O *Grito* de Van Gogh com o *Desespero ou Autorretrato* de Coubert, também numa versão contemporânea cheia de formas, curvas, preto no branco, em releituras e reconfigurações frescas e geniais. Tudo dialoga com muito do conteúdo igualmente fresco do número, que abre com biografias *tinderescas* encontradas no *webnamorverso*, angariadas pelo Yuri Araújo, que fez uma curadoria de primeira. Até dá uma pontinha de saudade da juventude *orkuteira*, igualmente galanteadora e amostradinha, com aquelas biografias manhosas: “Naõ soou peerfêeita, neim doona da veerdade. Maaiis, soouu doona dee miim <3, doona dass miinhas voontaadees”. Ah, não faz essa cara, vai! A sua sobrinha usava uma igualzinha a essa!

E por falar em cortejo, a linguíça (blumenau) do Dédallo Neves é uma delícia. Excelente crônica curta, simples e boa, que retrata uma simples linguicinha como um *guilty pleasure* do narrador – e que acaba sendo nosso *guilty pleasure* também durante a leitura. O mix de nojo e desejo funcionou muito bem, em doses bem medidas, nada em excesso (nada contra os excessos, aliás), com o equilíbrio do jogo entre culpa e prazer, descrições de objetos e de sensações muito boas e originais. Ainda nos prazeres gastronômicos, o número conta com uma ótima matéria sobre o “chef” Michel Lâmb – o requisitado que ninguém requisitou – e fiquei curiosa para saber se Michel é inspiração para alguém existente, dessas mentes mirabolantes da

cozinha minimalista e meio nojenta. Não resisto a uma boa tirada de onda dessas gourmetizações, enquanto moradora de um concelho em gentrificação constante, que tem abandonado os prédios centenários onde funcionavam cafês e tasquinhas e, agora, desmontam tudo, pintam a fachada de turquesa e adicionam logotipos de acrílico desenhados no Canva para seus restaurantes mexicanos e japoneses (de empresários que são tudo menos mexicanos e japoneses, nem sabem nada de coisa alguma), lojinhas de presentes inúteis e superfaturados ou espaços de *coworking* que cobram metade do seu rendimento mensal para uma semana de poltronas ovais, lustres coloridos, mesas de sinuca e cactos.

De volta à literatura – por amor da santa –, o poema da Ana Vilalta também me ganhou um bom bocado. O diálogo com Margaret Atwood é um bom exemplo de como o ritmo na poesia (da pontuação ou falta dela, das estruturas de frase/fala e das quebras de verso) é o diferencial entre prosa e poesia em uma linguagem mais discursiva usada nos dias de hoje. Não concordo com as críticas dos meus queridos colegas de que a poesia desce em qualidade quando cruzada com a prosa. Poesia discursiva, descritiva, em diálogos informais e feita em uma linguagem e um contexto atrelados ao cotidiano, “pé no chão”, pode, sim, ser excelente e um espanto de autenticidade e de novo. Pode, sim, conter as ferramentas ditas “essenciais” da poesia – não só ritmo, mas melodia, conteúdo, beleza, dança (Nuno foi quem me ensinou que não existem formas fixas, as palavras dançam). E pode emocionar, espantar, ter o que falar sobre. É que os semideuses se esquecem de que vivemos em um mundo coletivo e transversal. E gente falando da própria vivência – e da vivência dos seus – na literatura. E, ainda, gente falando de estupro, de sexualidade (ou assexualidade), da falta de comida no prato, da seca, da bebedeira, da bipolaridade, da pedofilia, da falta de políticas públicas... A louvação do belo e o esculpir da palavra são coisas muito bonitas, é inegável. Mas as outras possibilidades

não podem ficar no ar ou se esconder dos críticos empoeirados de casacos de cabedal. Até porque, ao mesmo tempo, o poema do Eleazar tem uma proposta diferente e também é excelente, e justamente nele, o que me chama atenção é algo diferente: o jogo de sons bem feito (poema bom para se ler em voz alta, se fortalecendo na oralidade), de rimas (escura/rua, segundo/fecundo, reaparece/prece, até as rimas ocorridas internamente, como bar/ar), e os -s sibilando um pouco ou bastante, como se emulasse um espectro, a Coisa perambulante, vagante, perto e longe da gente. O poema torna essa Coisa uma imagem móvel não só através do que se diz sobre ela, mas sobre como o conjunto da fonética corrobora para isso. E olha que bonita essa outra perspectiva: falando em imagens, o poema da Rosa Lobato de Faria também se ilumina pelas construções de imagens; agora, pela forma como ela descreve o amor em cruzamento com o corpo: olhos, boca, pele, mãos, e como o amor acontece através de cada uma dessas partes; o que quebra a pieguice esperada do tema “amor” é que, pelo meio, são entrecortadas essas imagens moventes no caos, algumas surrealistas até (somos bons em surrealismo), “pomba assustada do coração”, “espelho doido dos olhos”, “todos os gritos (...) debaixo da roupa”. Já o poema da Goliarda Sapienza (com tradução de Valentina Cantori) reúne um pouco disso tudo: a beleza, o inesperado, o ritmo, o cotidiano – e o teatral, que ela salpicou também, a originalidade das imagens, o surreal.

Gastei os caracteres quase todos e quase não falei de prosa, mas deixo uma menção honrosa ao texto “O Filme”, do Andrey Derzette (essa palestra empreendedoresca pré-filme, super do nosso tempo, mas de leitura imersiva e cativante, ao mesmo tempo em que dá vontade de deitar o diretor na porrada). No mais, fico por aqui e desejo um começo de ano gostoso para todo mundo. Bebam muito, mas não façam merda. E sejam amigos (mas se não quiser, não precisa).

# A mais absurda e padronizada história de terror clichê

Astrogildo Arantes

Era noite de Halloween. Não que no Brasil se celebrasse tal data, embora as empresas estivessem introduzindo o costume – afinal, seria bom para a economia. A massificação e padronização de costumes sempre é boa para os negócios.

O cenário não poderia ser mais clichê: dentro de uma delegacia, com o policial fazendo plantão e preenchendo os documentos de sempre. Eis que chega seu colega.

– Alex, recebemos um chamado de uma criança que disse que está sendo perseguida por fantasmas e que a babá foi possuída por um demônio.

– E eu com isso? Você já viu minha esposa... até hoje não sei se ela está possuída ou se é o próprio demônio.

– Pois é, também me pergunto isso. O problema é que recebemos a ligação dessa criança, não dos seus filhos. Vamos ter de verificar o caso dela, não o seu.

– Temos de verificar o caso dela? Tá na cara que é um trote.

– Também acho, mas são ordens do chefe. Desde a Páscoa, quando não fomos investigar a história do coelho assediador, o DP está na mira dos jornais. Se a gente não for lá e realmente tiver algum problema, estamos ferrados.

– Puxa, mas são coisas diferentes. O coelho ter passado a cenoura em um pai de família respeitável é uma coisa, não tínhamos como prever que ele faria isso... agora, se formos atender cada chamado bizarro, não teremos tempo de comer rosquinhas ou preencher papéis.

– Eu te entendo, mas não tem como evitar. Se for trote, podemos dar uma coronhada no menino e prendê-lo em alguma cela, caso ele não seja de classe média. O problema é se não aparecermos lá e realmente tiver alguma coisa errada. Se algum assassino aparecer e o matar, a culpa cairá na gente, não no assassino.

– Tá, mas ele não falou de fantasmas e possessão? E se tivesse um caso desses, o que faríamos?

– Bom, podemos tentar dar coronhadas. Se não der certo, vamos embora e preenchemos um relatório falando que o caso não é da nossa alçada. É o que temos para hoje, afinal, não somos caçadores de fantasmas.

– Tem razão. Vamos logo nessa desgraça.

– Só tem um problema... eu tenho coisas para fazer aqui, você terá de ir sozinho. Mas tudo bem, já que provavelmente é só um trote mesmo. Qualquer coisa, é só me chamar pelo rádio.

– Nós somos parceiros de patrulha. Não podemos sair sozinhos por aí.

– É feriado, ninguém vai reparar. Quebra esse galho, Alex.

– Hoje não é feriado.

– Só quebra o galho. Na próxima Páscoa, caso algum coelho moleste algum homem de família, pode deixar que eu vou sozinho, pode ser?

– Não vejo que saída eu tenho...

E assim, a contragosto, Alex prendeu o cinto e saiu do escritório. Era um policial experiente, já estava na corporação há mais de dez anos. Sabia que tinha de atender aos chamados quando estava de plantão. Aquela cidade era bizarra, sempre tinha coisas estapafúrdias acontecendo.

Quando ele entrou para a polícia, apenas queria realizar seu sonho, que era matar pessoas e abusar da autoridade. Raras vezes pôde fazer isso. Na maior parte

do tempo, tinha de controlar o trânsito, impedir tumultos e preencher relatórios.

Acabou amolecendo e engordando. Agora, só tinha vontade de fazer serviço interno e comer rosquinhas. Quando saía para algum patrulhamento, comia coxinhas e pastéis, mas isso não fazia com que se sentisse bem em seu trabalho.

Nem mesmo agora, quando tinha a possibilidade de dar coronhadas em alguma criança da periferia, sentia-se bem, pois este não era um grande consolo. Ainda assim, certamente seria melhor do que ter de enfrentar algum bandido: eles são sempre perigosos, malvados e feios, Alex não tinha mais saco para isso. Se pudesse, preferiria prender padres ou pastores – ou qualquer pessoa mais pacífica, que não reagisse a suas ações. Mas nunca o deixavam fazer o que queria, é claro.

O GPS do carro indicou o endereço do chamado. Deu partida e se dirigiu ao local. Não era um bairro de periferia, o que reduzia enormemente suas chances de dar coronhadas. Paciência, seria apenas mais uma noite horrível, com mais alguns trotes recebidos. O trote era comum naquele DP. Coisas da vida.

O dedicado policial chegou ao endereço e desceu do veículo. A casa era grande e velha – o tipo de lugar que fantasmas habitariam. Normalmente, fantasmas e espíritos são aristocráticos: moram em casas grandes e antigas, nunca em conjuntos habitacionais ou apartamentos baratos.

Talvez o motivo disso seja o medo. As histórias correm velozmente no reino sobrenatural. Alguns anos atrás, um zumbi invadiu um conjunto habitacional. Ele mordeu uma pessoa e essa pessoa, irritada, mordeu o zumbi. Os parentes da vítima fizeram a mesma coisa e, em pouco tempo, o morto-vivo estava inteiramente morto.

A polícia nunca soube desse caso e não fez perguntas quando um corpo parcialmente devorado foi encontrado no rio da cidade. O guarda de plantão apenas empurrou o cadáver mais um pouco, para que ultrapassasse o limite do município. Depois disso, o problema era de outro DP.

Foi uma atitude acertada, que recebeu vários elogios do coronel, pois significava redução da taxa de homicídios do município. Romualdo, o policial que empurrou o corpo, foi promovido e, em pouco tempo, estava cuidando de casos na corregedoria do órgão. Naquele ano, as violações policiais foram mínimas, apesar do aumento do número de óbitos provocados por agentes. O governador colheu os louros dessa diminuição de violações.

De toda forma, talvez o que aconteceu com o zumbi tenha se espalhado pelos canais de fofocas do reino sobrenatural. Provavelmente por isso os espíritos têm predileção por assombrar a classe média alta. Não podemos criticar sua lógica, evidentemente.

Alex bateu à porta da casa e, após longa espera de 15 segundos, quando estava se preparando para ir embora e declarar que o caso era um trote, foi atendido por uma criança com cerca de dez anos.

– Socorro, seu policial, o diabo quer matar minha irmã.

– Duvido que minha esposa tenha algo contra ela, garoto. O que está acontecendo aí?

– Minha família se mudou para cá faz algumas semanas... desde então, coisas estranhas têm acontecido: o Corinthians ganhou um campeonato, a televisão liga de noite sozinha, no quarto do meu irmão mais velho, sempre em algum canal pornográfico... a mesma coisa acontece com a internet dele, aliás... meu

pai recebe, de noite, vários telefonemas estranhos de uma mulher; minha mãe está sempre passando mal e chamando o médico durante o dia, para cuidar dela. E há vezes que ficam gritando o tempo todo que é para eu matar minha família e fugir para a Venezuela.

– Não acredito! Mandar alguém para a Venezuela só pode ser coisa do Satã... realmente tem algo errado aí.

– Meus pais e meu irmão mais velho saíram hoje para um evento. Eu e minha irmã mais nova ficamos aqui em casa, com nossa babá. A voz que sempre fica falando comigo disse que, se eu não matasse ninguém, ela mataria.

– E o que você fez?

– Eu apenas ignorei, assim como ignoro o que minha mãe fala para mim.

– Essa é uma atitude correta, sempre fiz isso e estou vivo até hoje. Como acabou a história?

– Eu fui dormir e, em poucos minutos, minha babá apareceu no quarto. Ela estava com a cara e a voz esquisita, e começou a andar no teto.

– Odeio quando acontece isso. Uma vez fui prender um usuário de crack que começou a fazer a mesma coisa.

– Como o senhor resolveu isso?

– Descarreguei o pente nele e disse que foi legítima defesa.

– Ah.

– E o que aconteceu com sua babá?

– Ela disse que ia matar minha irmã e devorar o coração dela. Eu saí correndo, fechei a porta do quarto e liguei para a polícia. Minha irmã está no quarto dela, dormindo. Ela só tem quatro anos, não sabe o que está acontecendo.

– Entendo. Então você quer que eu acredite nessa história que você está me contando, sem nenhuma prova ou indício de que seja verdadeira, é isso?

– É.

– Tá bom. Vamos entrar logo, para eu ver a babá. Caso algo esteja errado, pode deixar que eu resolvo. Mas se for algum tipo de brincadeira de um pirralho mimado, fique sabendo que você está muito encrencado, garoto. Ninguém brinca com a lei e a ordem e se safá.

– Entendi. Só preciso avisar que minha babá, quando subiu no teto, tirou a roupa... talvez quando o senhor chegar lá, a veja pelada.

– Vamos entrar logo, moleque, apresse-se.

Ao entrar na residência, Alex notou que algo estava errado: havia uma marca de copo na mesinha de centro. Que pessoa de classe média alta deixaria algo assim acontecer? Empregadas eram demitidas diariamente por muito menos... Alex percebeu que estava pisando em um terreno desconhecido, em que qualquer coisa poderia acontecer.

– Leve-me até onde está a babá pelada, rápido!

– Por aqui, seu guarda.

Subiram a escada e começaram a atravessar um longo e sombrio corredor. O local era um clichê absoluto para filmes de terror. Como alguém poderia morar num cenário daqueles? O frio percorria a espinha de Alex, que apertou o coldre com força.

Definitivamente não era assim que esperava passar seu turno: aquilo era absurdo, não ganhava para fazer essas coisas. Por que não chamavam um padre? Eles eram mais bem pagos e tinham o dízimo, portanto poderiam lidar com um ou outro fantasma de vez em quando.

O policial lembrou da babá sem roupa, suspirou fundo e seguiu em frente.

– É aqui, seu policial. Ela tá nesse quarto aqui, que eu tranquei. O senhor quer a chave?

– É claro que sim. Me dê aqui e vamos acabar logo com isso. Eu entro e você fica do lado de fora. Deixe-me averiguar o que está acontecendo.

Girou a chave na fechadura e empurrou a maçaneta. Em poucos segundos, estava adentrando um quarto escuro. As luzes não acendiam (provavelmente estavam queimadas). Maldição! Nada de nudez naquela noite, aparentemente...

– Tem alguém aí?

– Teeeeem – disse uma voz rouca e grossa, quase gutural.

– Garoto, quantos anos tem sua babá? Ela é idosa ou algo do tipo? – o policial gritou para o menino, que estava do lado de fora do quarto. Alex se arrependeu de ter fechado a porta.

– Não, senhor.

– Ela está rouca?

– Não, senhor.

– Ela é um travesti?

– Não que eu saiba, senhor.

– Então fodeu.

Alex, temeroso, deu um passo ao lado e tomou a palavra novamente:

– Quem é você?

– Eu sou Abdaeeel – disse a voz no escuro.

– Garoto, qual é o nome da sua babá?

– Letícia, senhor.

– Puta que pariu! Me fodi!

– Nããããõ tenha medo, Alex, eu te conheço e você me pertence.

– Ai, caralho. Ai, caralho, Ai, caralho.

O policial correu desesperadamente até a porta, mas, antes de chegar ao destino, esbarrou em um corpo. A babá fora rápida e já estava interceptando a saída.

– Aaaaaaaaahhhhhhhh! – gritou, de forma máscula, o homem da lei.

– Nããããõ fique assim, Alex. Venha me servir.

– Sai, vadia! Me deixa em paz!

O policial tentava, a todo custo, acender a luz – como se isso pudesse ajudá-lo –, mas não teve sucesso.

– Vooocêêêê quer me ver, Alex? Deixeeeee que euuuu ajudo. Que se faça a luzzzzz!

A lâmpada, que parecia estar queimada, acendeu-se. Alex viu, então, o rosto da babá, desfigurado. Os olhos giravam e a saliva escorria pela boca.

– Puta que pariu! Aaaaahhhhhh!

O policial sacou a arma e atirou várias vezes. A babá continuou em pé por algum tempo, mas, após as balas se acabarem e receber diversas coronhadas e

cadeiradas, caiu. Não se mexia. Um vento forte atravessou o recinto, que estava com as janelas fechadas, e um grito foi ouvido no lado de fora.

Alex, atônito, abriu a porta e foi em direção aos gritos. A menina de quatro anos gritava no quarto dela. Ao chegar ao local, viu que seu urso de pelúcia estava subindo na cama, girando a cabeça e falando com voz grossa.

– Filho da putaaaaa! – O policial correu e deu um pontapé no brinquedo, que acertou a parede e caiu.

– Oooooora, Aleex. Não adianta fazer issooooo. Eu vou matar essas crianças hoje, não há naaaada que você possa fazer para evitaaar. Eu vou segui-los e, se for preciso, mato vocêêê também.

O policial estava desesperado. Não importava o que acontecesse, certamente não ganharia um aumento de salário. Isso era desmotivador. Para piorar, não sabia o que fazer. Tentou lembrar de tudo que já foi tentado em filmes de terror e nada daquilo parecia muito eficaz na vida real de um conto.

Não sabia rezar, não tinha como estabelecer pactos com o sobrenatural, não era o escolhido e não tinha material específico para derrotar fantasmas. O que poderia ser feito?

Após alguns segundos de desespero, decidiu arriscar-se em algo ousado. Não tinha certeza de que daria certo, mas talvez fosse a única alternativa. Agarrou a menina e saiu correndo do quarto. No meio do caminho, puxou o menino pelo braço e os levou correndo. Desceu a escada, enquanto o urso de pelúcia os perseguia com todo o terror que seus quinze centímetros causavam.

O policial saiu da propriedade e entrou no carro, colocando as crianças no banco de trás. Ligou a sirene e partiu em velocidade. O urso de pelúcia, equipado com o triciclo elétrico de uma das bonecas da menina, seguia atrás. O que perdia em potência, ganhava com manobras radicais e desvios alucinados no trânsito.

A perseguição era implacável e assustadora – a despeito da bizarria da cena. Certamente era bizarra, mas todas as histórias de terror também não o são?

O que é, aliás, mais bizarro: um urso de pelúcia num triciclo elétrico ou um assassino com motosserra que mata as pessoas por mero prazer? Isso para não mencionar tomates assassinos e fantasmas que ficam aparecendo em filmagens (na certa querendo a *selfie* perfeita)... a lista de elementos estapafúrdios é longa, bem como de clichês.

Não que Alex estivesse preocupado com clichês: naquele momento, tudo que queria era sobreviver. Tinha uma minúscula chance de isso dar certo. Se ele soubesse que estava em uma obra de ficção e que era o protagonista, talvez ficasse mais tranquilo, já que isso provavelmente significaria um final feliz. Como ele não sabia, apenas ficava mais e mais apreensivo.

Após correr mais alguns quilômetros, finalmente chegou ao seu destino. É surpreendente que um triciclo de brinquedo tenha perseguido um carro em velocidade máxima por vários quilômetros, mas nem tudo faz sentido em uma história de terror.

Se podemos acreditar em seres do além, por que não acreditar na qualidade e potência de alguns brinquedos? Certamente é algo tão fantasioso quanto espíritos, mas estamos diante de uma obra ficcional: o insulto à inteligência sempre fez parte do terror.

De toda forma, Alex chegou a seu destino: a comunidade (eufemismo para

favela) do município. Talvez o fantasma não os perseguisse lá. Uma coisa era encarar um agente da lei e da ordem e algumas crianças. Outra, bem diferente, era entrar no território de uma facção criminosa. Será que aquele espírito teria tal ousadia?

Não teve.

O urso não seguiu em frente, talvez por medo da facção criminosa ou dos habitantes da comunidade (já que fantasmas são aristocráticos, conforme a tola premissa desse conto). Ou talvez a bateria do triciclo apenas tivesse acabado. Em poucos segundos, um carro passou por cima daquele diminuto brinquedo posuído. Ouviu-se um grito e uma lufada de vento muito forte se espalhou.

Poucos minutos depois, aquele carro capotaria 37 vezes e cairia em um riacho. Como o motorista estava bêbado, não tinha licença para dirigir e roubara um veículo sem freio, ninguém tentaria fazer elucubrações sobre o ocorrido: apenas limpariam o riacho e colocariam os dados do acidente nas estatísticas da região.

As crianças não foram mais incomodadas pelo espírito, talvez por terem mudado de casa poucos dias depois. A mudança, no entanto, não se deu por questões sobrenaturais: a mãe fugiu da cidade com o médico, o irmão mais velho foi preso por divulgar pornografia infantil e o pai teve de sair da região, levando os filhos, para escapar das fofocas e risos. Foi viver com a mulher que lhe fazia constantes ligações misteriosas. Coisas da vida. Ah, e o Corinthians nunca mais ganhou um campeonato.

O caso da babá morta, por sua vez, era uma ponta solta volumosa que precisava ser fechada. Tal ocorrência foi para a corregedoria de polícia do município e foi avaliada por Romualdo. Este, após muito investigar, concluiu que a jovem morrera de overdose.

Quando o questionaram sobre os tiros e o calibre da arma que fez o disparo, apenas acrescentou que ela tentara se matar antes de morrer por overdose. Para isso, roubara a arma de um policial. Ninguém questionou essas conclusões nem onde foi parar a arma. Romualdo, então, foi promovido por conta de sua sagacidade.

Alex, por sua vez, não disse nada a ninguém. As pessoas não acreditariam em sua versão. Nem ele acreditava, para falar a verdade. No fim, achou melhor dizer que levava as crianças para a comunidade para que elas vissem a vida dos pobres e parassem de dar trotes na polícia. Ninguém entendeu a relação entre o trote e a vida das pessoas pobres, mas não questionaram. Fazer perguntas poderia gerar inquéritos, o que daria mais trabalho para todo mundo.

As crianças, apesar de falarem muito sobre o evento, não foram ouvidas. Eram meras crianças de classe média alta querendo chamar a atenção. Não mereciam ser escutadas.

Geraldo, o parceiro de Alex que apareceu no começo do conto, teve de lidar, sozinho, com o coelho assediador na Páscoa seguinte. O coelho, mais ousado pela experiência de impunidade do ano anterior, tentou se aproveitar de um cara na saída de uma academia. Acabou baleado.

Talvez seja importante frisar, à guisa de conclusão, que Alex não pertencia a Abdael, mas continuou casado com sua própria esposa, Janete. Na mente dele, não havia muita diferença. Não passava de mais uma história de terror clichê.



# brincadeiras

Camila Lourenço

o pedaço de barbante era roubado da caixa de costura da vó. o fio se esticava entre meus dedos deixando marcas onde o sangue era proibido de passar. os dedos de léo eram rápidos. pra fora, pra baixo, pra dentro. agora era a pele dele que se rachava entre os fios grossos. já os meus dedos não eram tão eficazes. eu sabia os movimentos de cor. mas me atrapalhava com as mãos que ora me pareciam grandes como folhas de bananeira ora eram pequenas e pontudas feito patas de hamster.

meu primo não se impacientava. ele ria e dizia entre cuspe e dentes tortos:

“vai logo, ô!”

“ai, calma!” — eu respondia também rindo, mas sem cuspe. meus dentes retos não causavam desvio no curso da saliva.

foram alguns fins de semana viciados na cama de gato. depois teve a época das bolsinhas de arroz. joga uma pra cima, pega uma do chão. joga duas pra cima, pega outra do chão. a vó emprestou linha e pedaço de pano e a gente costurou as dez sacolinhas numa tarde só. minhas mãos destrambelhadas eram boas nisso. eu sabia ter atenção nas coisas, como toda menina deve ter. isso era coisa que minha mãe já tinha me ensinado.

“prestensão”, ela dizia com as pupilas alinhadas às minhas, “não converse, acompanhe ou aceite bala de estranho. ele pode te enganar, te drogar, te enfiar num saco e sumir com você.” de tanto minha mãe falar e de ver histórias na tevê, eu morria de medo de ser abduzida e acordar com um talho costurado na barriga, meu corpo com um rim a menos. foi só quando o filho da vizinha disse “olha só os peitinhos dela” que eu entendi que não eram só meus órgãos que a minha mãe tentava proteger.

ninguém teve essa conversa com o léo e ele ainda podia ir sozinho até o bar da rua de trás comprar sorvete. então, quando ele não aparecia na vó pro almoço de sábado, eu ficava muito triste, porque tinha que esperar a vontade do meu pai de ir comigo pegar a sobremesa. e léo começou a faltar cada vez mais dos almoços. “ficou jogando”, a tia dizia. “não sai mais da frente daquele computador.”

um saco.

por isso quando ele mudou pra casa da vó alguns meses depois, fiquei feliz mesmo sabendo que era errado. descobriram que o tio tinha outra mulher, outro filho, outra casa. até mesmo outro carro. um mais novo, que não cheirava a gasolina. acho que foi isso que mais deixou a tia pê da vida: ela só fazia reclamar daquele fedô por anos. fiquei triste porque eu gostava do tio, mas assim podia ver meu primo o sábado todo, então gostei.

a gente sentava na frente do computador lá no quarto dele, na casinha dos fundos, e criava bonequinhos no the sims. ele me ensinou como fazer pra ganhar dinheiro infinito sem precisar casar e matar o marido. nós dois sempre fomos grudados, de modo que ninguém se importou que passássemos a tarde toda juntos: eu, meu primo e meus peitinhos crescidos.

não sei quem de nós dois foi o primeiro a sentir arrepio nos braços que se esfregavam na disputa pelo mouse. acho que fui eu, mas até aí não posso dizer com certeza. talvez ele já tivesse se arrepiado todo com meu toque e eu, distraída com móveis de pixels, não percebi. o que sei é que os sábados de junho foram ficando quentes naquele quarto que fedia meia suada. eu arrastava a minha pele na de léo, que colocava a minha perna por cima da dele. a gente não brigava mais pelo mouse, mas punha uma mão em cima da outra, um braço em cima do outro.

um dia cheguei na vó e todas as cadeiras da tia estavam no quintal pra festa de são joão. roubamos uma caneca de quentão e nos enfiamos no quarto do meu primo. dentro da casa sobrou só a cadeira do computador, com o estofado saindo por um rasgo. ele sentou. eu sentei na cama. ele disse

“chega mais perto, prima.”

eu fui. ele me colocou no colo dele. era quente: o colo, o quentão, o quarto. eu. foi nesse dia que léo me beijou a primeira vez. eu deixei. foi mais gostoso que o beijo do menino da escola, que tinha chupado uma bala de iogurte antes de me encontrar atrás da biblioteca. meu primo tinha gosto de milho cozido, de canela, de lar. depois disso, a gente nem almoçava direito. a vó, a mãe, a tia só sabiam reclamar “ai, esses jovens, só querem saber de computador computador, não param nem pra comer, vê se pode”. a comida ainda se dissolvendo no estômago e a gente já tava enfiando a língua um na goela do outro.

os bonequinhos do the sims morreram de fome e estresse.



# Não tem parentesco que aguente conjecturas

Gustavo Martins

Jorge e Jean eram primos de primeiro grau. Embora morassem em cidades distantes, passavam juntos as férias de infância e adolescência no sítio da vó Laurinda. Eram companheiros nas brincadeiras e aventuras de criança, desde jogar bola até nadar no rio. Foi natural o distanciamento lá pela metade do segundo grau, e aí vieram faculdade, trabalho, primeiros namoros, cada qual seguiu seu rumo.

Então a prima Soninha marcou um daqueles grandes encontros de família num natal no sítio da avó. Reuniu gente de todo lado, aliás, veio praticamente todo mundo! Iniciados os festejos, os dois se encontraram e, enquanto lembravam dos velhos tempos, Jorge notou que Jean estava mais delicado, meio arrumadinho demais. Depois que bebeu “um frisante”, ficou até afetadinho. O Jorge puxou uns assuntos de mulher, mas o Jean não

engatou. Só pode ser coisa de agora, pensou Jorge, pois em certas ocasiões até quarto dividiram, e nunca que o primo manifestou esse lado borboleta.

A festa seguiu, e se distraíram nas conversas com os demais, até que chegou a hora de acomodar a “parentada”. Como a casa principal ficou lotada, sobrou para Jorge e Jean o quartinho de trás que eles dividiam nos tempos de moleque. A vó Laurinda fez questão de arrumar as camas do jeito que fazia quando eram crianças.

Jorge ficou meio incomodado, trocou de roupa no banheiro, aproveitou que estava embalado nas cervejas, apagou a luz e virou pro seu lado para dormir. Nem o digitar nervoso do primo em mensagens no celular incomodou. Nem as risadinhas contidas. Mas o sono não vinha. Aí começou a ouvir um barulho, um fap-fap-fap suspeito que aumentava e diminuía de ritmo.

Até a respiração de Jean ficava pesada. Só falta o infeliz estar batendo uma na cama ali do lado. No que estará se inspirando? Será que é sexo virtual? Será que é sexo *gay* virtual?

Pior é que Jorge não tinha coragem de olhar pra trás pra ver se era aquilo mesmo, nem de falar alguma coisa pra cortar o clima. Aí, o que no início era um fap-fap-fap discreto, parecia que tomava conta de todo quarto. Vai que ele está virado para o meu lado! E se a inspiração sou eu? Vai que respinga alguma coisa em mim!

Então Jorge não se conteve, levantou no escuro e disse com voz impoente: “Desculpa incomodar, primo. Minha bexiga está cheia. Vou explodir se não mijar.” E foi para o banheiro, acendeu a luz e bateu a porta. Quando voltou, Jean já estava dormindo todo encolhidinho.

**ATENÇÃO!**  
em janeiro de 2022,  
não acesse:  
**faziapoesia.com.br**

depois não diga que não avisamos.



# Lições de vida de quem já nasceu rico: um guia de resoluções para 2023

*Maduros e resolvidos, os irmãos influencers Rodri e Lari Belpazzo ensinam: seja você mesmo, siga seu coração e outras bobajadas para viver 2023 em paz!*

## Reconheça um ambiente tóxico

LARI: Um ambiente tóxico é capaz de apagar a luz da alma mais brilhante! Ano passado, durante um período muito turbulento, senti que o clima na empreiteira do meu pai não estava legal. Eu ralava, ralava e não recebia reconhecimento algum – mesmo chegando no horário e, às vezes, ficando até tarde (ao menos até a tarde). Cheguei a perder o pôr do sol duas vezes, o que foi a gota d'água. Imediatamente, fiz uma chamada internacional para a minha mãe e decidi trabalhar no estúdio dela, onde me dão o devido valor. Pior, quando pedi demissão do escritório do meu pai, a vaca do Recursos Humanos perguntou, sem mover o rosto: “mas você trabalha aqui?”. Quase acreditei no deboche, coitada. Avisei meu pai e exigi a demissão dela. Ele ignorou (tó-xi-co), mas ao menos me deu um Land Rover Discovery como acerto, o meu novo robozão, para eu trabalhar com a minha mãe, até porque caiu o nível no Uber Black, né. Enfim, a gente precisa reconhecer e superar, não importa quem tente apagar nossa luz – essa é uma lição primordial para 2023.

## Coma melhor – e mais caro

RODRI: Ano passado, um desafio que enfrentei por três meses foi conciliar a rotina de pai adotivo com uma alimentação balanceada. Como a Lari e eu decidimos adotar uma criança não branca um pouco antes do Dia das Crianças – numa ação que mobilizou o Itamaraty, o Instagram e várias ONGs que suspeitavam das nossas boas intenções –, foi mais difícil carbar e mandar a Roseli trocar as fraldas da pequena Aurora ao mesmo tempo. O nome da criatura, aliás, foi uma inspiração que tive num dia em que estava na cama com a Lari (nada a ver) e pensamos “o que existe para todos, sem discriminar ninguém?”. O sol! (Eu sei, uma coisa é o sol de Teresina, outra é o crepúsculo de Fernando de Noronha). Infelizmente, não deu *match* com a Aurora e tivemos que devolver o bebê. Encontramos uma família interessada no shopping enquanto eu comprava *nuts* e a melhor quinoa do Brasil, a do Casarão dos Suplementos. Meu pai cuidou da parte burocrática, que por sinal é um saco. Aliás, quem quiser garantir um descontinho no Casarão dos Suplementos chama na DM!

## Tenha seu próprio drink

LARI: Não existe satisfação maior que um drink com o próprio nome. Não se trata de arrogância, na minha opinião. Vejam, seria muito mais fácil se cada convidado tivesse sua própria bebida batizada (em ambos os sentidos). Ninguém tocaria na bebida do colega na *pool party* e isso ainda evitaria encher a geladeira da festa com Budweiser, até porque ninguém – eu disse NINGUÉM – é capaz de tomar mais que seis exemplares dessa bebida. É uma questão logística! O Lari Young Fashioned é um sucesso sobretudo porque ninguém pode tomar, exceto eu, e ninguém sabe a receita, exceto o Higor. *Business, business*. E mais: gente rica (de espírito, claro, dinheiro não importa) não se coloca na posição de beber drinks com trocadilhos em portinhas capazes de servir uma bebida em ralo de pia por R\$ 12. Nem os nossos funcionários, vedados de usar artefatos de vidro por questões de CLT, acham isso aceitável. Desculpem se me exaltei, mas em 2023 você *merece* seu próprio drink.



## Siga seu coração, não interessa quão errado ele esteja

LARI E RODRI: No Foliópolis de 2022, finalmente entendemos que o amor é o único *valor* que realmente importa. Amar não é só comprar um bom alimento de Natal para os seus funcionários, colaboradores e curumins. Numa ideia genial da Lari, resolvemos antecipar o Natal porque Jesus, quando morreu em dezembro por nós, quis que o Natal celebrasse o amor entre os povos, e nada melhor do que espalhar o amor comprando e ganhando presentes em mais datas do ano, além do protocolar e flopado Natal. Ano passado, nossa família, eu e a Lari tivemos quatro Natais. Infelizmente, em dois deles, nossos serviços não puderam comparecer porque tinham compromissos inadiáveis com a empresa do meu pai, mas o importante é que fizemos recargas de celular pra eles, aí nos mandaram vídeos enaltecendo a importância de seguir o exemplo de Jesus e de ter um emprego. O triste é que nem todos entenderam o espírito. Pegamos uma mensagem no grupo de WhatsApp em que um *deles* reclamava de “usar o salário pra dar presente quatro vezes por ano pra esses parasitas filhos da p\*\*\*”. Mas nem Jesus agradou a todos, né? A gente só quer trazer um pouco de alegria pra essa vida tão chata. Por mérito, os funcionários que vieram em mais de 75% das festas não precisaram escalar o *revéillon*.



## Saiba desistir

RODRI: Tem horas que a saúde mental exige que a gente peça ajuda: não há vergonha alguma em dizer que você não tem a menor condição de, mais uma vez, pagar a fatura do cartão de crédito. Ao contrário: é preciso muita coragem para falar “mãe, gastei R\$ 5 mil em sushi para o *meu* bem-estar”, porque a sociedade sempre vai te julgar por buscar a *sua* verdade (ou pela barca de sushi com *cream cheese*). Poucas pessoas sabem, além da minha irmã e do BNDS, mas já falei diversas vezes. Não falência, falência porque isso é uma *cosa mentale*, mas já errei a ponto de precisar rever se o mundo realmente precisava de uma loja de miniaturas do Baby da Família Dinossauro, de uma empresa de câmeras em jalecos de funcionários ou se Osasco precisava de um parque aquático – certamente, meu maior erro. Mas vou continuar tentando e, principalmente – quando der m\*\*\*\* –, desistindo. Desistir também é um protesto à masculinidade tóxica. Expliquei isso pro *brother* que tá reformando a soleira aqui de casa e o cara simplesmente não entende. Aí acabei desistindo também, tanto de explicar quanto de remunerá-lo por aquele serviço mais ou menos. Tudo pela saúde mental! Já falei que odeio a palavra “herdeiro”?



## Converta as dificuldades em desafios

RODRI: Quando meu pai exigiu que eu saísse de casa, comi o pão que o diabo amassou. Sem brincadeira. Cara, sabe o que é ser *abandonado* pelos seus próprios pais aos 29 anos, sem ter para onde ir, sem ter o que comer (fora o Ifood) e com apenas dois cartões à disposição? Foi insano. De uma hora para outra, ter que pagar conta de luz! P\*\*\*\*, luz não é grátis? Não é só acender? Eu lá sabia o que era CPF na nota, velho, pensei que só pedia pra entrar no Clube Pinheiros. Enfim, usei tudo isso para me motivar, mesmo preso num muquifó que minha família me arranjou no Centro, que eu nem sei bem onde é, afinal, quem vai no Mercado Municipal é turista. Foi assim que vivi a experiência de morar em uma kitnet onde você tem que *descer* pra buscar o iFood. Mas olha, se eu pudesse resumir 2022 em uma palavra, seria “*gratidão*”. Gratidão por todos os aprendizados, por aceitar quem eu sou, por entender agora que não preciso trocar de celular todo ano se eu posso simplesmente ter uma loja de celular – essa é a verdadeira independência. Também preciso ressaltar a importância de ter uma irmã que segue acreditando em você e te apoia. Ela também passou um bocado quando teve um problema com o megahair e ambos demos colo um ao outro. Nada me abalou nessa mudança repentina – nem descobrir que a kitnet em Higienópolis era do meu pai e que ele mentiu pra mim ao dizer que o Higor, nosso faz-tudo há 40 anos, era o entregador do iFood. Ainda confundo o Higor com a cozinheira, principalmente por gostar muito dos dois (e por não me importar com gênero, porque pra mim todos são iguais). Enfim, depois de seis meses, posso dizer de boca cheia (com a ajuda do Higor e da cozinheira cujo nome esqueci, mas de quem gosto muito) que, sim, consigo me virar com esses dois cartões de crédito.

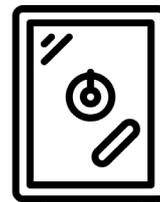
## Desenvolva suas próprias ideias – principalmente as *loucas*

LARI: Na minha experiência como influencer, sei que as pessoas querem me conhecer de verdade. Nada de máscaras, ilusões, fingimentos. Elas *querem* me ver de ressaca após acordar; *querem* saber como e quando menstruei; *querem* me ver chorar na frente da Balenciaga do JK Iguatemi. Enfim, ao longo de todos esses anos me forçando a ser eu mesma, entendi que a gente precisa desenvolver aquela coceira interna, aquele sonho sem sentido, aquela coisa que só você vai entender, mas outra pessoa vai bancar. Pode ser um projeto, uma viagem, um passatempo – de preferência, com algum valor (porque esses dias um amigo nosso nos mostrou a coleção de tampinhas dele, e achei bacana e tudo o mais, mas fiquei pensando: “ok, mas quanto *vale* isso?”). Numa manhã de novembro, quando enxerguei o momento certo pra lançar um novo *question sticker* no Instagram, perguntei aos meus 335 mil seguidores: “O que te impede de realizar os seus sonhos?”. As respostas foram incríveis, apesar dos fracassados que disseram coisas como “falta de dinheiro”, “não ser uma folgada com herança” ou “pensão pra pagar”. Mas não foi isso que eu quis dizer (ou perguntar). As pessoas não sabem pensar fora da caixinha. Eu consigo e ensino: onde as pessoas veem desemprego eu vejo MEI. Onde as pessoas veem calvície eu vejo um transplante. Onde as pessoas não veem peito eu vejo procedimento. Onde as pessoas veem desilusão amorosa eu vejo o exemplo do meu irmão, meu porto seguro. Onde as pessoas veem aborto eu vejo renascimento, pois tudo volta pra natureza – menos o plástico, ou melhor, ATÉ o plástico, que infelizmente gosta de tartarugas. Enfim, seja você mesmo, não se conforme com nada, quebre umas paradas e, se possível, construa outras.



## Chame atenção

LARI e RODRI: Vivemos em um mundo muito desigual. Sabemos disso – e queremos acabar com isso. Mas a desigualdade não está só no dinheiro (essa maneira tão simples e equivocada de enxergar a vida), e sim no afeto. Quando foi que o dinheiro se tornou mais importante do que um abraço ou uma mensagem de motivação? Falta-nos, enquanto humanidade, entender como tudo é cíclico. O dinheiro é uma metáfora, uma coisa que significa outra coisa... mas no fundo, no fundo, é muito mais que isso ou aquilo. Em uma vida, a gente nasce pobre, em outra nasce rico. Foi uma questão astral nascer um pouco mais privilegiado nessa vida, mas isso não nos faz menos humildes. Temos a consciência de que Jesus está no rosto do Higor (e não apenas como tatuagem) e de que temos o privilégio de ele existir em nossas vidas como um aprendizado constante. Vê-lo endividado, gastando o pouco que ganha em apostas e correndo riscos rotineiros de ser preso nos ensina muito. Mas não gostamos quando nossos pais resolvem os problemas dele, afinal isso não é justo. Por isso, às vezes a melhor coisa a se fazer é simplesmente chamar atenção. Bater um carro, quebrar uma vidraça, namorar alguém constrangedor. É uma lei universal. O budismo inclusive não ensina que às vezes você nasce barata; às vezes, príncipe ou chofer ou algo assim? Não é justo que, nesse mundo tão desigual, alguém retire o *nosso* afeto. Enfim, em 2023, vale chamar atenção sim.



## Troque de piloto

RODRI: Às vezes, nossa velocidade está errada. Às vezes, o caminho está errado. Por experiência própria, no entanto, sei que muitas vezes quem está errado é simplesmente o piloto (ou motorista, se você for mais humilde). No GPS da vida, quem se perde na mão inglesa vira mordomo. Lógico que o mordomo não pode trocar de mordomo, embora quase tenha acontecido ano passado na nossa família após o programa de demissão voluntária que criamos, em que cada dupla de demitidos podia escolher uma pessoa para trabalhar pelos dois. Contudo, como só temos um mordomo – ou eles se parecem muito! –, descobrimos que o filho dele de nove anos ainda não é capaz de cozinhar para uma família inteira. Como a nossa mãe e a Lari nunca cozinham, preferimos recontratá-lo(s) no Dia de Ação de Graças, uma data que eu e a Lari adoramos, afinal nunca vimos um peru solto na vida, mas gostamos do conceito... E como dizia meu falecido avô, no seu velho engenho de Barbacena, quem perdoa peru não engrossa a casca.



## BÔNUS: Faça viagens, não filhos

VICKY SANTANDER (mãe): Viajar é mais que conhecer outros países, outras culinárias, outros spas, sonegar imposto, ficar longe dos filhos e do marido ou de fazer transações em Real. É também a oportunidade de refletir em lugares novos, de pensar em doenças-tendência para fazer eventos beneficentes ou até mesmo descobrir uma condição rara num herdeiro e dar-lhe a chance de superar alguma coisa e se tratar em Miami. O brasileiro, em sua cultura do atestado, podia aproveitar melhor as enfermidades para iniciar jornadas de autoconhecimento, sobretudo longe das distrações da vida contemporânea. Tento ensinar aos meus filhos, principalmente ao mais novo, que é um pouco leso – desde que o amamenteei com Domecq, conta a Lúcia, esposa do Higor –, que viajar é um modo de estar, melhor, um modo de não estar. Quem viaja não tem tempo para fazer reuniões, não recebe intimação, não precisa lavar roupas, essas coisas todas que aborrecem qualquer um, menos quem nasceu com dom. Nesses meus 48 anos – 53, grita Lúcia, prontamente repreendida –, aprendi três coisas: (I) não há pau que resista a uma boa magreza, (II) filho a gente cria pra ir bem longe no mundo e (III) viva como se a existência fosse um agradável ar-condicionado. Lari, Rodri, beijão pra vocês, meus amores.

## E N C L A V E

a newsletter do **Jornal Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:  
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Na infância, é improvável que consigamos mapear exatamente aquilo que nos cativa em um filme ou personagem. Nossa rede de conexões é confusa; nosso vocabulário, limitado. Talvez por isso mesmo aquilo que nos cativa cedo seja tão direto, instintivo e marcante; talvez, ao contrário, por isso seja mais frágil – não tenho ideia.

De todo modo, houve um momento do ano passado em que minhas emoções me pegaram de surpresa. Comia (um prato executivo de arroz, feijão, frango e salada) durante meu intervalo de almoço e utilizava meu fone de ouvido para gastar tempo no YouTube.

Levado pelo algoritmo, revi determinada cena de um desenho muito querido em razão do apego emergido e consolidado na infância. Ao assisti-la, subitamente senti aquele amortecimento dos pômulos que denuncia o despertar das glândulas lacrimais: eu estava segurando choro. O que não era ou é comum, muito menos diante de um prato de frango grelhado, em público, às 12h30.

A cena provinha de *Cavaleiros do Zodíaco* (*Saint Seiya*, 1986-1989), *anime* muitíssimo popular entre as crianças brasileiras dos anos 1990. Não lembrava sequer a última vez que havia visto qualquer coisa relacionada com a franquia, e ainda assim aquilo me derrubou de imediato.

Para quem não conhece ou  
não se recorda,

*Cavaleiros do Zodíaco*, criação de Masami Kurumada (1953-), é puro melodrama. Os cavaleiros em questão usam armaduras e lutam em defesa da reencarnação da deusa Atena. A todo momento, os protagonistas, órfãos e irmãos de criação, precisam superar adversários mais fortes em seu caminho de sangue, suor e lágrimas.

Um amigo apanha pelo outro, sacrifica-se pelo outro, tenta (ativamente, às vezes comicamente) morrer pelo outro. Todos se motivam e lutam por uma causa maior, e no fim o personagem principal (Seiya), após ser surrado feito purê, sempre resiste e vence.

O universo da narrativa consiste em uma mistura desenfreada de mitologia greco-romana e nórdica, cristianismo e budismo, astronomia e astrologia a partir da qual uma molecada se estoura na porrada usando armaduras caprichosamente desenhadas – até porque boa parte do apelo da série vinha, ou melhor, ainda vem, da venda de bonecos.

Por fim, a cena que me comoveu era a de Hyoga, um cavaleiro de bronze, derrotando o próprio mestre, Camus de Aquário. Se essa sequência de palavras não lhe diz nada, não há problema, pois a trama não será relevante aqui. (Mas o nome “Camus” é sim uma homenagem explícita ao autor d’*A Peste*.)

O fato é que, naquele momento, meu cognitivo finalmente ligou os pontos – e só precisou de vinte anos para fazê-lo. O que impulsionava a comoção súbita era, além do melodrama usual das mortes do *anime*, sua trilha sonora, sempre sinfônica e melodiosa.

É típica da produção. Nos momentos dramáticos de *Cavaleiros do Zodíaco*, não raro um acompanhamento vocálico se junta à orquestra. ‘Inside a dream’ é um exemplo clássico; ‘Sad brothers’, outro. ‘Aria of the three’ toca na cena mencionada.

Até então, essas melodias marcantes não me apontavam nome ou rosto. Mas o responsável pelas trilhas sonoras é – era – Seiji Yokoyama. Não sei quão comum é ou era compor sinfonias tão completas para *animes*; conheço pouco sobre este universo. No entanto, é certo que as composições de Yokoyama – ora épicas, ora suaves, sempre com belos arranjos – não contêm nada de intrinsecamente infantil.

Seiji Yokoyama morreu de pneumonia em 2017, aos 82 anos. Não sabia quem ele era, portanto não pude lamentar. Sua música comoveu minha infância e, de forma contraintuitiva, hoje parece comover ainda mais. Ao identificar seu valor, descobri uma lembrança de morte que continuará comigo.



# Melancolia mortal da trilha sonora infantil

## Canção de Amor

Dorival Silva 'Chocolate' & Elano de Paula  
 1950

*Canção de Amor* foi apresentada em outubro de 1950 por Elizeth Cardoso no lado B de seu single *Complexo*, arranjado por José Pacheco Lins (Pachequinho).

Embora Elizeth Moreira Cardoso – que começou sua carreira de cantora aos 16 anos – tenha tido sucesso considerável durante toda a década de 1940, ela levou 14 anos para finalmente ter a chance de gravar em 1950. Porém, seu primeiro single, *Braços Vazios* (lado b: *Mensa-*



Nas paradas anuais, a canção atingiu o número 29 daquele ano e chegou ao número 13 em 1951, o que impulsionou a carreira de Cardoso e ajudou a estabelecê-la como uma das melhores cantoras do Brasil.

*Canção de Amor* se tornou uma das canções-assinatura de Cardoso, que a gravou mais três vezes. Primeiro em 1957, em seu álbum de mesmo nome; depois em 1962, em *Grandes Momentos com Elizete Cardoso*, com saxofone de Moacyr



meses e finalmente declinou. Além disso, o arranjo de Pachequinho se mostrou complicado demais para os violinistas da sessão. Assim, a canção só pôde finalmente ser gravada quando o saxofonista Zé Bodega entrou em cena para algumas partes, em 27 de julho de 1950.

Embora *Canção de Amor* só aparecesse no lado B do single em outubro de 1950, ela foi imediatamente captada pelas estações de rádio e se tornou um sucesso imediato.



*geiro da Saudade*), foi descartado pela gravadora Fábrica Star pouco antes de ser lançado, alegadamente por problemas técnicos.

A recém-fundada gravadora Todamérica lhe ofereceu uma segunda chance de lançar um single de estreia, mas *Canção de Amor* não parecia ser uma boa escolha no início. Os compositores preferiram um cantor masculino, por isso ofereceram a canção a Lúcio Alves. No entanto, ele permaneceu indeciso por



Silva e exuberante apoio orquestral; e em 1968, ao vivo com Zimbo Trio. Entretanto, esta gravação foi omitida do lançamento original em dois volumes de *Ao Vivo No Teatro João Caetano* em favor de um medley da canção – e só apareceu em reedições posteriores do CD.



**RelevO** apresenta **Brazilliance:**  
 a música do mês para o conhecedor sofisticado!  
 Ouça as gravações por meio do código QR ou conheça a canção nº 152 no  
[BRAZILLIANCE.wordpress.com](http://BRAZILLIANCE.wordpress.com)





# O que fazer com um poema guardado

Carolina Bataier

Releia.

Corte palavras e envie para um jornalzinho impresso de literatura em 2023.

Releia, dê boas risadas e abandone para sempre.

Abra o poema no Word, tire uma foto da tela do computador e publique no Instagram (não esqueça as hashtags).

Ou, então, publique nos stories — linha do tempo é coisa séria — um print de tela do seu poema aberto no email.

Envie no grupo de WhatsApp da família.

Ou no grupo de WhatsApp do condomínio.

Envie aleatoriamente para cinco contatos do WhatsApp.

Leia o poema em voz alta, caminhando pela casa.

Peça para um amigo transformar em música e, depois, cantem juntos — de preferência, bêbados.

Imprima o poema num papel delicado e plante ao pé de uma árvore.

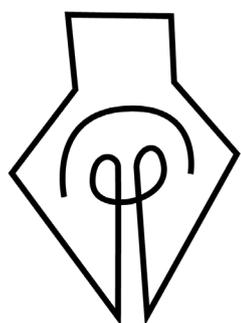
Leia o poema de trás pra frente para sua mãe e diga que é uma antiga oração maia.

Escolha um verso e piche no muro da sua antiga escola.

Envie para seu chefe junto da sua carta de demissão.

Escreva o poema num papel manteiga, vá à padaria, peça dois pães, embrulhe no papel e sirva a uma pessoa querida, hum,

pãozinho quentinho não tem quem não goste.



**FLESCH'S NOTES**  
*Costurando cadernos • Realizando sonhos*



*De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia*, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: “cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha”. A exemplo da “escrita imediata dos meteoros”, a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, “... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia”. Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

# Prosear sobre livros. Expelar sobre humanos.

Camila Passatuto

Certa tarde observei a estante de livros não lidos e enquadrou-se no meu campo de visão o *Em Conflito com a Lei*, de Lucas Verzola. A publicação foi escrita no período em que o autor fazia parte do quadro de funcionários do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, na Câmara Especial, onde era servidor e tinha contato direto com a apuração de processos de atos infracionais envolvendo adolescentes. Verzola realizava, entre outras atividades, a leitura dos autos, diariamente.

Após a leitura do exemplar, lançado em 2016, em comunhão com estudos que realizo, em pleno outono de 2022, ano que prometia mudanças e um arfar de esperança no campo político-social, resolvi discorrer acerca da obra sob o aticamento de conceitos da formação social e cultural de leitores por meio da compreensão de uma literatura com aspectos e *poder* de humanar sobre os indivíduos.

Tornando à obra de Lucas, suas leituras, que no primeiro momento eram de caráter técnico, despertou no autor a vontade de pesquisar e se aproximar do mundo e da realidade desses jovens de 12 a 17 anos. Com o passar do tempo, incutindo-se e deixando-se *tomar* pelas numerosas sombras e luzes, nesse universo da leitura de realidades repletas de falas, cores, gritos, suores, motores e fumaças que, para os mornos e protegidos, atordoa e desespera, Verzola se viu inquieto, como todo artista quando encara de frente o monstro de fogo, e pronto para o aprumar de uma produção. Podemos ver isso neste trecho de “Por Mamãe”, um dos contos de *Em Conflito com a Lei*.

Mamãe, ontem, acordou às 10h. Desde que me tenho por gente,

mamãe levanta antes do sol, passa o café forte e sai. Ontem, não. Ontem, cheguei de madrugada e, por isso, mamãe pôde dormir até mais tarde. Tudo porque eu trouxe o dinheiro que ela leva mais de mês pra ganhar catando latinha. Fizemos um playboy que confiou no GPS e se perdeu por aqui. O mané levava tanto dinheiro numa mala de couro que até o deixamos ir com celular e as rodas do carro. Só tiramos a bateria pra ele não chamar a polícia tão cedo. A grana foi dividida em três e ainda assim todo mundo ficou contente. Não precisou de violência, de arma, de nada. Anteontem tudo deu certo também, eu trouxe dinheiro, um pouco menos, é verdade, mas ainda assim mamãe pode acordar às 10h ontem. Hoje é outro dia. Suando frio quando vejo o alvo. Pode estar armado, pode até ser polícia. Mamãe pode ter que acordar de madrugada pra me tirar da delegacia. Mamãe pode ter que acordar de madrugada pra reconhecer meu corpo no IML. Mas, ontem, mamãe acordou às 10h e fazer com que ela possa acordar às 10h todos os dias é a mola que ativa o cão percussor da minha quadrada.

Antes de avançarmos para os objetivos centrais do livro de Verzola, objetivos esses que o autor aponta em seu texto de apresentação, vejo aqui a necessidade de apresentar a breve biografia e a bibliografia de Lucas Verzola. O escritor nasceu em São Paulo (1988), é formado em Direito pela USP e um dos fundadores da revista *Lavoura*. Finalista do Prêmio SESC de Literatura 2013/2014, na categoria contos, com o livro *São Paulo depois de horas* (Editora Patuá, 2014),

também é autor de *A última cabra* (Editora Reformatório, 2019). No texto de abertura e apresentação de *Em Conflito com a Lei*, Verzola elucida aos leitores: “O que nesta obra pretende-se realizar, por outra banda, é a criação literária tendo como mote este mundo cheio de peculiaridades, contradições e conflitos”.

O interessante aqui é percebermos como a leitura do escritor, seja por meio de conversas, observações e até mesmo a leitura *fria* de autos judiciais, desenvolveu em Verzola uma motivação intrínseca e a percepção humanista de como a literatura pode ser objeto de transformação e conscientização social. Ou seja, antes da literatura tomar corpo e adentrar formas, leituras e subjetividades, o ato do escritor de: receber, perceber, ser e expelir O OUTRO em suas linhas, vemos os conceitos de *mimesis-mathesis-semiosis* (conceitos esses enveredados de forma perspicaz e análoga à literatura, feita por Roland Barthes em seu texto da aula inaugural no Colégio de França em 1977) já se empregam nesta pré-literatura, se assim podemos chamar. O fato de escritores e escritoras lerem *Realidades e Seres* e, desta maneira, realizarem o bálsamo (ou o veneno? fruto proibido?) que é a literatura — literatura, aqui, como fonte de conhecimento e autoconhecimento — ... faria do mundo real; das ações e reações humanas, do passar das horas, das mortes e nascimentos; uma obra apenas fígada e consumida pelos *seres das artes e literaturas*? Isso que chamamos de vida, de cotidianos... (seria isso?) o que há lá fora e aqui (aí) dentro... Seria a vida a grande (e mais importante) obra literária, inacabada e em processo constante de criação? Onde só os sensíveis,

os travessos, os inquietos e os inconformados conseguem visualizar, ler e digerir? Só essas categorias, que podemos chamar aqui, formalmente, de *artistas*, possuem o *dom* de humanizar, perceber e sentir antes de qualquer outra falange humana? E com isso, serem catalisadores e tradutores do real literal (da real literatura? do real sentido da vida?) através de suas obras, inserindo nos que bebem de suas literaturas, já maturadas, o que deveria ser em abundância na essência humana e em sua formação base: a humanização.

Podemos questionar: o que cega parte da humanidade, que sistema cruel e predatório faz com que mine de nós — ou deixe de crescer —, desde nosso nascimento até o último suspiro, essa *humanização*. Mas nos aprofundarmos nesse tema é distanciarmos demais do que foi pensado para essas páginas.

Voltando ao livro, vimos que o autor, em seu envolvimento por meio de leituras e aproximação com o universo desses adolescentes, viu surgir a possibilidade de *conceder* voz a esses jovens que, muitas vezes, só conseguem serem ouvidos, realmente, quando se prostram frente a um agente da lei.

Também não se trata de uma tentativa de emular a voz de personagens que se encontram numa realidade que não se confunde com a minha, mas a busca por conferir tratamento artístico a dilemas universais, os quais reverberam de forma específica no mundo desses adolescentes,

explica o autor no texto de apresentação da obra. Aqui, vemos a preocupação do escritor em transmitir fatos que ocorrem todos os dias, que perduram pelo

Arrependido? não, senhor. O senhor fala como se fosse fácil, questão de escolha. Que tá o certo e o errado na frente e a gente vai lá e segue por um caminho. Não tô falando que não tem opção, é que a porta do certo tá muito mais estreita que a do errado. O senhor que tá falando de vislumbre. Eu falo de necessidade. O senhorio sabe o que é fome. Minha mãe sabe. E o único momento que eu quase me arrependo é quando vejo ela chorar nas visitas, quando consegue vir. Mas aí eu me toco que aqui, na Fundação, ela não precisa se preocupar comigo: dar de comer, lavar roupa, essas coisas. Se eu quero continuar aqui? Quero não, mas se é pro bem dela, eu fico mais, não tem problema. Já tomei tanto tapa que tanto faz.

mundo durante séculos e que são negligenciados por governantes e uma fatia da população. Mesmo com diversos estudos, pesquisas e notícias disponíveis em grande volume, atualmente, por meio da internet e plataformas diversas de distribuição de dados e informações em massa. Não obstante, a realidade dessas crianças e jovens se perdem pelas margens e muitas vezes são ignoradas.

O papel da literatura, quanto a isso, se faz como meio do alerta sobre questões sociais cotidianas; mas qual a importância dessas questões serem tratadas artisticamente, criando fábulas e gerando experiências distintas e internas nos leitores? Podemos tomar como base para uma tentativa de resposta dessa pergunta, um trecho de Antônio Candido em *Direito à Literatura* (2011):

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração.

Antônio Candido nos alerta sobre o resplendor do papel da literatura em nosso processo de humanização durante o adentrar em fábulas, esse adentrar que ocorre constantemente e se torna vital e portanto, de direito a todos.

Voltemos à questão da importância da abordagem de temas/problemas universais em obras literárias. No trecho mencionado acima, podemos concluir a importância e o impacto psíquico da literatura sobre o ser. Ou seja, o poder

da arte literária de levar o leitor a experimentar sensações e ocasiões que fogem do seu habitual, transportando-o para vivências e mundos distintos, fazendo com que esse leitor adquira o conceito de empatia em sua experiência de leitura. É nesse momento que o sujeito praticante da leitura se veste d'O OUTRO e começa a quebrar preconceitos, edificar opiniões e mutacionar seu consciente e subconsciente para um estado de evolução.

O que leva crianças de 12 a 17 anos a cometerem assaltos, homicídios, tráfico de drogas, prostituição e tantos outros atos infracionais? Qual o caminho percorrido por elas, o detalhe, o descaso que foge de nosso conhecimento, que faz de um ser que deveria ser preparado para a vida com seus direitos à segurança, amor, alimentação, estudos e saúde um agente infracional? Em qual esquina se esquia o direito à humanidade dessas crianças e entra em cena a precariedade do existir?

De fato, quem nunca viveu uma realidade semelhante à dessas crianças, não consegue saber, ou entender, o ponto onde tudo desanda; muito menos sentir na pele a revolta e a dor do ser e não ser em um mundo cada vez mais superficial e efêmero. O papel de obras como as de Lucas Verzola, que trazem a plasticidade crua de personagens com experimentações desumanas e reações que, por análises precárias, geralmente condenam, enjoam replem qualquer empatia nos seres ditos de bem.

Um dos principais papéis da literatura é justamente inculcar o saber de realidades desassistidas pela maioria e esperar que o resultado dessa experiência interna surta efeitos em diversos níveis, sempre na busca pela melhoria

da condição humana. Além da presença dessas obras, a existência e manutenção democrática do ato da leitura e de acesso a livros e materiais de caráter artístico — para que as pessoas possam e consigam ter hábito prático e prazeroso da leitura — deveria ser um projeto de destaque e sucesso em todas as partes do mundo. Pois, se queremos humanizar por meio da literatura, se ela é essencial à prática da empatia, um dos fatores para a evolução dos seres e da sociedade, a atividade e possibilidade de todos serem leitores, deveria ser prioridade para governos e entidades.

Devo citar que o autor usou, para o impacto maior de seus textos, um trabalho de linguagem em primeira pessoa, com efeitos de falas, ritmos, dialetos, gírias e compassos que fazem da obra (e de seus personagens) organismos latentes, urbanos, quentes e, que por delírio ou torpor que a leitura proporciona, podemos sentir o cheiro da fumaça dos motores, das pólvoras, do suor... podemos gingar o balanço malandro, sermos revés de uma inocência, refazer a surpresa entre os lábios da leitura por pegarmos a nossa essência sendo cúmplice e juíza desses personagens.

Voltando ao conto citado acima, pergunto: qual ser, na condição e vivência de um relacionamento sadio com sua figura materna, não desejaria a ela momentos de paz e gozo perante essa vida que testa, machuca e descalcifica os seres a cada nascer de sol? Verzola lança o leitor à uma dubiedade: o amparo à figura materna e o ato infracional para o cumprimento desse amparo. O autor trabalha no desenho mais real dos seres, pois somos dúbios. Nunca inteiramente bons, nunca inteiramente maus.

Como é de costume dos seres não questionarem as bondades, iremos seguir o percurso do questionamento das maldades: um ser que consuma um ato fora da lei é automaticamente disposto no salão dos monstros. No entanto, se questionarmos os porquês, veremos que esses monstros marginalizados não nasceram monstros, e muito menos se tornaram uma espécie não-humana. Continuam humanos. E como romper o preconceito e apresentar ao mundo os fatos e as nuances, os descasos e as violações que levam crianças à fazedura de absurdos? O livro de Lucas Verzola é como um canivete afiado a romper a velha venda que tapa a nossa vontade de busca pelo real monstro das situações desumanas.

Poderia, eu, me alongar por páginas e páginas, numa análise estrutural do livro, em analogias com estudos e falas de grandes pensadores e pensadoras. Mas o objetivo, por ora, não é esse. Nenhuma verdade absoluta foi deferida por essas linhas, apenas questionamentos, debates internos e provocações externas. A literatura está por aí, em constante movimento, longe de ser messiânica e a salvadora do mundo, apenas se faz nas quebras e reestruturas dos seres, dos conceitos, das práticas e das dores que roubam e entregam a nós, meros pingos de existência, aquilo que é a busca dos seres de boa vontade: a constante evolução das mentes, almas e sociedades.



# Detetive Aline

Davi Koteck

Não tenho mais vontade de ser feliz.  
Talvez eu tente doar todo o meu dinheiro para a caridade  
Para alguém que descubra se a detetive dos postes é ou não  
um código de aborto clandestino  
Talvez eu deva ir atrás do último consertador de gaitas

Ontem mastiguei cacos de vidro  
e isso de alguma forma animou minha semana.  
O Google não entende como um adulto funcional pode fazer isso  
As recomendações são apenas para crianças ou cachorros.

Ando pensando muito nas vezes em que me contaram uma piada  
e eu não entendi.  
Não entender uma piada é um ato de desrespeito  
ou de tristeza

Uma vez começaram assim:  
um anão um rabino e um mudo entram num táxi  
e aí eu já estava pensando em morrer.

Um amigo me disse uma vez como se fosse uma piada:  
— Como assim você não consegue dormir à noite?  
Eu respondi que começaria a meditar  
também como se fosse uma piada

Às vezes eu tento sonhar com a morte  
respiro fundo e coloco *Sons Para Meditação*  
a fim de um sono violento  
mas na minha cabeça  
na minha cabeça parece que eu não mando.



"Sempre que escrevo uma poesia, as palavras fluem como água, manchando de sentimentos o papel... Se nos primeiros versos, a minha arte não se revelar em alguma palavra ou rima concreta, não tento mais escrever poesia naquele dia."

Para adquirir Meu Infinito Aqui:

[instagram.com/poetandrey](https://www.instagram.com/poetandrey)  
[instagram.com/infinitoaqui](https://www.instagram.com/infinitoaqui)  
[facebook.com/MeuInfinitoAqui](https://www.facebook.com/MeuInfinitoAqui)



# Provo um licor nunca fermentado

Emily Dickinson

Tradução de Roseli Bastos Almeida

Provo um licor nunca fermentado,  
Das canecas cavadas em pérolas.  
Nem todas as uvas de Frankfort  
Produzem tal álcool!

Embriagada pelo ar, estou eu  
Na perversão do orvalho,  
Cambaleando à luz de infindáveis dias de verão,  
Nas estalagens de um teto azul derretido.

Quando os proprietários virem a abelha bêbada  
Fora da porta da flor dedaleira,  
Quando as borboletas renunciarem seus goles,  
Deverei apenas beber mais!

Até que os serafins chacoalhem seus chapéus de neve,  
E santos fujam pela janela,  
Para ver o pequeno ébrio  
Se inclinando contra o sol!

— I taste a liquor never brewed —  
From Tankards scooped in Pearl .....  
Not all the Vats upon the Rhine  
Yield such an Alcoholl

Inebriate of Air — am I —  
And Debauchee of Dew —  
Reeling — thro endless summer days —  
From inns of Molten Blue —

When “Landlords” turn the drunken Bee  
Out of the Foxglove's door —  
When Butterflies — renounce their “drams” —  
I shall but drink the more!

Till Seraphs swing theIr snowy Hats —  
And Saints — to windows run —  
To see the little Tippler  
Leaning against the — Sun —

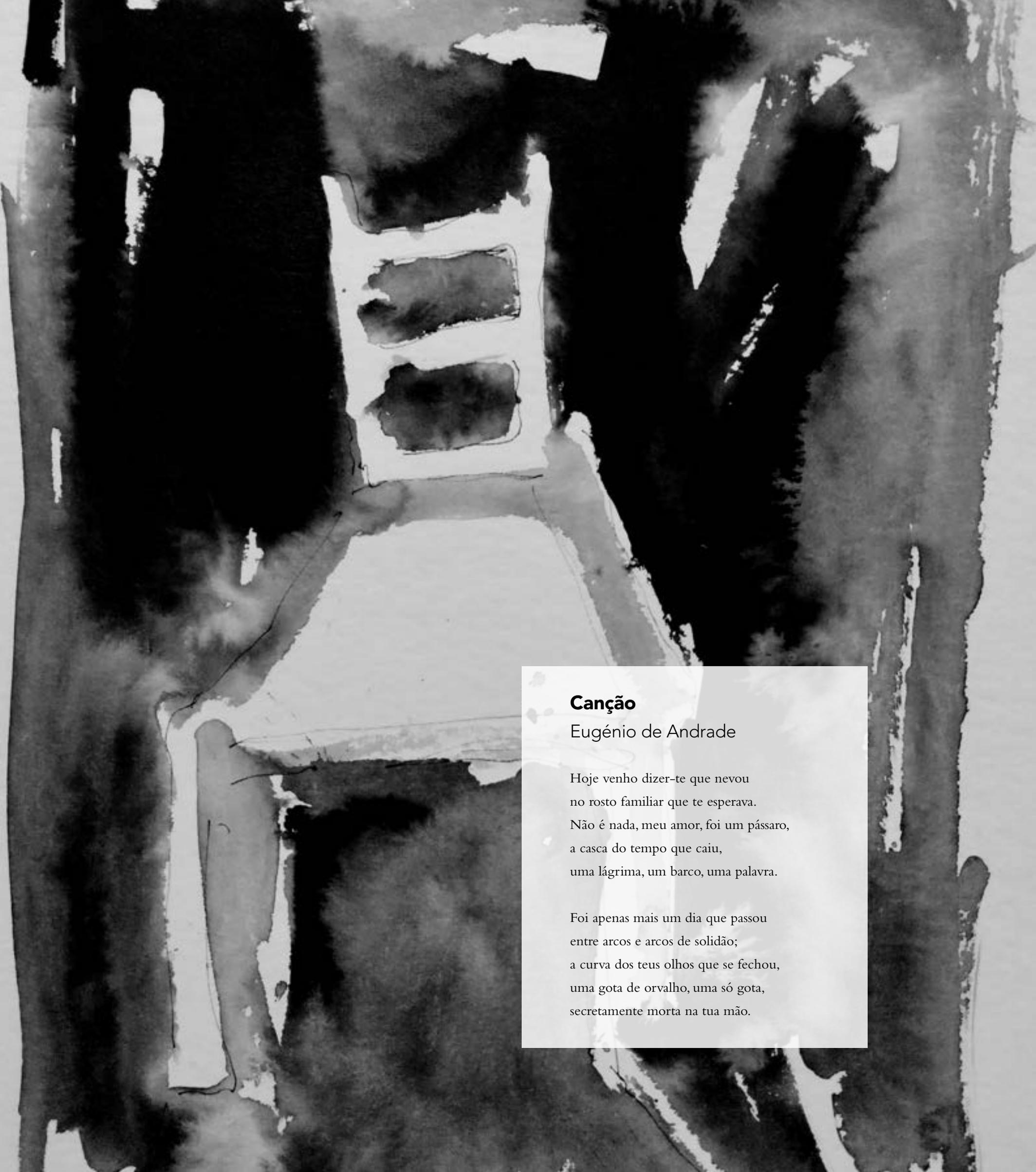


Com poemas que se aproximam das experiências vividas pelas crianças, Valentina Gava Chakr explora as virtualidades da matéria verbal, apresentando textos criativos, originais e lúdicos, que buscam envolver o público infantil. Por meio de um olhar inaugural, proporciona novas perspectivas sobre situações do dia-a-dia dos pequenos cidadãos urbanos.

Valentina Gava Chakr nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. Mora em Porto Alegre desde 2004, onde é professora de pediatria da UFRGS.

**R\$ 48,50**

(51) 984760945  
vchakr@gmail.com



## Canção

Eugénio de Andrade

Hoje venho dizer-te que nevou  
no rosto familiar que te esperava.  
Não é nada, meu amor, foi um pássaro,  
a casca do tempo que caiu,  
uma lágrima, um barco, uma palavra.

Foi apenas mais um dia que passou  
entre arcos e arcos de solidão;  
a curva dos teus olhos que se fechou,  
uma gota de orvalho, uma só gota,  
secretamente morta na tua mão.